

Fim do superávit vem aí e não é mau negócio

Analistas dizem que a situação atual das transações correntes é atípica e preferem um pequeno déficit

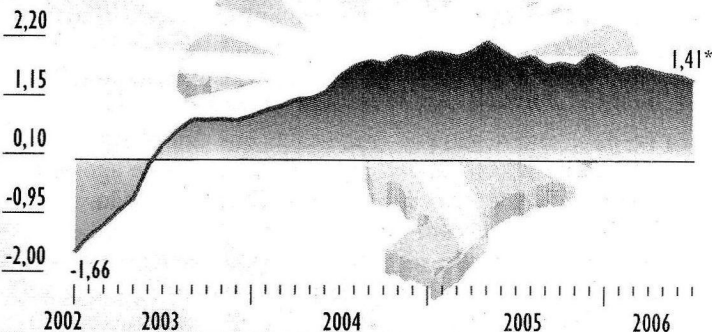
SIMONE CAVALCANTI
SÃO PAULO

O longo período de superávits consecutivos na conta de transações correntes — iniciado em junho de 2003 — está prestes a terminar. Já em 2007, o País deve registrar equilíbrio de contas, na direção de déficit em 2008, segundo projeções de analistas ouvidos por este jornal.

Mas descer a saldos negativos de até 2% do PIB não é mau negócio, na visão dos especialistas. Esse déficit significará que a economia brasileira terá de buscar capitais no exterior para se financiar — e não o contrário, como quando há superávit. Se o déficit for resultado da importação de bens de capital e isso for aliado a ajustes internos o qua-

MUDANÇA DE ROTA

Saldo em transações correntes
(em % do PIB)



Fontes: Banco Central e Centro de Informações da Gazeta Mercantil * Junho

dro tende a potencializar o crescimento econômico.

“Ter um déficit modesto é o ideal porque, em condições normais de temperatura e pressão, os países pobres devem receber poupança externa, e não exportá-la”, diz o diretor-executivo da **Fitch Ratings** para o Brasil, Rafael Guedes. Ressalta que nos últimos anos o País viveu um momento atípico, com superávits em conta corrente de 1% a 2% do PIB. Para 2006, a

projeção da agência de classificação de risco ainda é de superávit no patamar de 1%.

Zeina Latif, economista-chefe do banco **ABN Amro Real**, mostra que a reversão da participação das exportações líquidas (saldo de exportações, importações e serviços) na formação do PIB já vem ocorrendo. Para este ano, projeta, esse percentual deve ser negativo em 0,5% enquanto o consumo interno pode chegar a

Continua na página A-5

NACIONAL

SETOR EXTERNO

Dívida Pública

Fim do superávit vem aí e não é...

O Brasil aproveitou seus superávits em conta-corrente para honrar parte de seu endividamento

SIMONE CAVALCANTI
SÃO PAULO

Continuação da página A-1

4,5%, formando assim uma taxa de crescimento econômico de 4%. "O Brasil vem paulatinamente, via apreciação do câmbio, mudando a tendência de exportação de poupança nesses últimos anos, mas há uma reversão a caminho e isso tende a se aprofundar", diz Zei-

na Latif, economista-chefe do banco ABN Amro Real.

Embora o País tenha um histórico deficitário, de em torno 5% do produto na década de 1990, o diretor-executivo da FitchRatings para o Brasil, Rafael Guedes, diz ser pouco provável essa repetição.

"Nosso cenário base é o de que não cheguemos mais a esse extremo. Afinal, a indústria exportadora está mais forte e pujante do que jamais foi. Assim, é difícil ver a possibilidade de que se volte àquela época".

O gerente de renda fixa do Banco Prosper, Diego Beleza, complementa que essa estimativa também depende do que ocorrer no mercado externo.

No entanto, diz esperar que o

aquecimento da atividade na Ásia e nos Estados Unidos faça com que os países ainda continuem sendo bons compradores dos produtos brasileiros.

REDUZINDO DÍVIDA

O Brasil, assim como muitos de seus pares emergentes, aproveitaram bem o momento favorável externo e seus superávits em conta-corrente para honrar parte de seu endividamento com outros países.

Principalmente porque a grande dívida externa das nações, então classificadas como em desenvolvimento, foi a principal responsável pela crise financeira nos anos oitenta.

A quitação dos débitos, ou de parte deles, é um ponto mui-

to favorável, na avaliação tanto de Beleza quanto de Guilherme Maia, da equipe de economistas da Tendências Consultoria Integrada, afinal, uma redução do endividamento é um dos fatores que deixa as economias menos vulneráveis.

Um exemplo disso é que na semana passada o governo anunciou que as reservas internacionais do País ultrapassaram o montante de US\$ 64 bilhões e já são maiores do que a dívida externa da União, de US\$ 63,28 bilhões. "Estamos muito bem em relação aos indicadores externos. Só não somos grau de investimento até agora muito por causa do endividamento interno", diz Guilherme Maia.

CRÉDITO

Conta corrente em %
do PIB 2005

Brasil	1,7
México	-1,1
Argentina	1,3
Chile	0,3
Venezuela	15,9
EUA	-6,1
Japão	3,3
China	6,1
Coreia	2,0
Hong Kong	10,3
Rússia	13,2
Alemanha	4,3
Reino Unido	-1,9
França	-1,3
Índia	-1,8
África do Sul	-3,7
Turquia	-5,6

Fonte: Tendência Consultoria Integrada